

ALMAGRO-GORBEA, M.; ABASCAL, J.M. *Segóbriga y su conjunto arqueológico*. Madri, Real Academia de la Historia, 1999. 168pp. ISBN 8489512299.

Pedro Paulo A. Funari*

Segóbriga é um sítio arqueológico de particular interesse e suas ruínas constituem um monumental conjunto na Meseta espanhola. O nome celta demonstra tratar-se de antiga cidade anterior aos romanos, incorporada à área da *prouincia* no século II a.C. Os autores relacionam a presença de oito inscrições da *gens Valeria* ao procônsul da Hispânia Citerior, C. Valério Flaco, em 93 a.C. Propõem que, nesse período, tenha havido uma captação da tradição clientelística indígena pelo sistema análogo romano, o que teria facilitado a vinculação das elites nativas às romanas. A cidade mineira possuía uma população servil considerável e a mortalidade era, portanto, alta, sendo a idade média de morte, nas epígrafes funerárias, apenas 28 anos de idade.

Segóbriga foi, até Augusto, cidade que pagava impostos (*stipendiaria*), tendo obtido, então, o *status* de *municipium* assignado à tribo Galéria e dirigida por quadrúviro e edis. É citada por Plínio, o Antigo (*NH* 3,25), como capital da Celtibéria (*caput Celtiberiae*). Na Antigüidade tardia a cidade continuou a existir e foi mesmo sede de bispado hispano-visigodo. A cidade foi destruída pelos árabes, tendo sido abandonada em ruínas, que foram descobertas modernamente. A cidade foi identificada apenas no século XIX, no morro *Cabeza del Griego*. O município nunca teve mais do que três ou quatro mil habitantes, mas possuía um Teatro e um esplêndido e espaçoso Anfiteatro em pedra, o único achado em todo o interior da Península Ibérica, até o momento. A arena é pequena (41,7 m x 34 m), mas a construção é bem elaborada, com uma *Porta Triumphalis*, com uma cãvea de 2.241 metros quadrados, dos quais 56 de galerias e acessos, com uma superfície útil de 2185,7 m², o suficiente para umas 5.500 pessoas,

mais do que toda a população, portanto. Construído em época Cláudia, esteve em uso até o final do século III d.C., ao menos. Também preservaram-se, em parte, as muralhas, a porta norte, o fórum e edifícios anexos, a basílica, as termas do teatro, o ginásio, as termas monumentais, a maior parte desses edifícios datados no primeiro século d.C.

Nas redondezas, há também outros vestígios, como a necrópole visigoda, a basílica hispano-visigoda e o singular santuário popular rupestre de Diana e as pedreiras romanas. A preservação deste *lucus Dianae* representa um testemunho incomum de um monumento rupestre, em um bosque sagrado, com uma representação da deusa caçadora rodeada de cães, com uma inscrição votiva dedicada a Diana. A deusa é apresentada como *domina e frugifera*, divindade da vegetação, do mundo animal e, acima de tudo, da fecundidade. Os autores supõem que, na origem, seria a divindade suprema da cidade, adorada por gentes celtas, em sua maioria mulheres, a julgar pelas inscrições encontradas, pertencentes a estratos humildes, como escravos e libertos. Essa evidência singular da devoção popular ainda está por ser explorada em maior profundidade. Encontram-se, ainda, vestígios dos aquedutos que abasteciam a cidade de água, também datado do século I d.C.

A maioria das construções da cidade parecem estar prontas no período flávio (69-96 d.C.). A pequena cidade já produziu cerca de 300 inscrições latinas, um dos conjuntos mais importantes de toda a Península Ibérica, com indivíduos de *status* senatorial, equestre, sacerdotes, funcionários municipais, artesãos, escravos, libertos. A massa de libertos e escravos, submetida à elite cidadina, era de origem indígena, mas havia também orientais, semitas, gregos, como revela a epigrafia. Pelas inscrições, sabe-se que 20% das pessoas morriam antes dos 10 anos de idade e 80% antes dos 40. As principais atividades econômicas da cidade

(*) Departamento de História, IFCH/UNICAMP, Campinas, SP.

eram a produção de *lapis specularis*, vidro transparente para janelas, produto exportado em grande quantidade, e a extração de pedras. Diversos grafites cerâmicos de época de Augusto atestam a precoce generalização da escrita em Segóbriga, assim como a adoção da língua latina, ainda que inscrições ibéricas tenham persistido até meados do século I d.C. As dimensões do Anfiteatro e dos edifícios públicos permitem supor que a cidade atraía população circunvizinha. Segóbriga produziu, também, moeda própria até a época de Calígula (37-41 d.C.), quando passou a usar apenas moedas das casas emissoras estatais.

As escavações de Segóbriga revestem-se de particular significado, na medida em que fornecem informações sobre a vida cotidiana em

uma pequena e típica cidade interiorana do mundo romano durante o Principado. Seu *floruit* corresponde a um período de intensos contatos étnicos e culturais e as escavações revelam, ademais, a heterogeneidade social e as clivagens sociais, discerníveis tanto nas inscrições, como nas diferenças na cultura material da elite e dos *humiles*. As escavações dirigidas por Almagro-Gorbea e Abascal, nos últimos anos, com a participação, ainda, de alunos brasileiros, em convênio com a UNICAMP, têm permitido um conhecimento incomum de aspectos pouco explorados do mundo antigo. A publicação do volume fornece um quadro amplo e variado das pesquisas e constitui um tesouro a ser explorado por todos os que se interessam pela Antiguidade romana.

Recebido para publicação em 1 de junho de 2002.